

**DESESPERO NO DISCURSO DE PESSOAS QUE PENSAM EM TIRAR
A PRÓPRIA VIDA: UMA ANÁLISE EXISTENCIAL
DESPAIR IN THE DISCOURSE OF PEOPLE WHO THINK IN TAKING
THEIR OWN LIVES: AN EXISTENTIAL ANALYSIS**

Myriam Moreira Protasio

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ & Instituto de Psicologia Fenomenológico-
Existencial do Rio de Janeiro/IFEN;
myriam@ifen.com.br*

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ;
ana.maria.feijoo@gmail.com*

Resumo

Esta investigação quer mostrar de que modo expressões de desespero aparecem no discurso clínico de pessoas que estão indecisas sobre continuar ou não a viver. O interesse surgiu numa primeira pesquisa sobre suicídio, quando expressões de desespero apareceram de forma relevante no discurso destas pessoas. Objetivando alcançar a experiência dos analisandos, buscamos as expressões que caracterizavam o desesperar em atendimentos clínicos realizados no *Núcleo de Atendimento Clínico a Pessoas em Risco de Suicídio* do SPA da UERJ no segundo semestre de 2017. Realizamos a análise existencial destas situações, à luz do pensamento de Kierkegaard, com fins a descrever de que forma o desespero aparecia nestes discursos. Concluimos que desespero não é um sentimento que possa ser extirpado, mas a própria condição do homem que não pode decidir a situação em que existe e com a qual sempre se articula, de um modo ou de outro.

Palavras-chave: Suicídio. Desespero. Análise existencial. Søren Kierkegaard

Abstract

This research wants to show how expressions of despair appear in clinical discourse of people who are undecided about continuing or not living. The interest arose in the first research on suicide when despair's expressions appeared in a relevant way in the speech of these people. Aiming to achieve the experience of analysands, we seek the expression of the despair at the clinical care provided in the Clinical Care Center for People in UERJ Spa Suicide Risk in the second half of 2017. We performed the existential analysis of these situations in the light of Kierkegaard, with purpose to describe how the despair appeared in these speeches. We conclude that despair is not a feeling that can be extirpated, but the very condition of man who can not decide the situation he exists, and with which he always articulates, in one way or another.

Keywords: Suicide. Despair. Existential analysis. Hermeneutics. Søren Kierkegaard.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho é parte da pesquisa que começou em 2015, intitulada *Por um Núcleo de Atendimento Clínico a Pessoas em Risco de Suicídio* e se propõe a realizar uma análise existencial de situações clínicas com vistas a compreender o modo como aparece nestes discursos a questão do desespero. Mas, antes de entrarmos propriamente neste tema, passemos a uma breve explanação sobre o escopo amplo da pesquisa (FEIJOO, 2016), que teve como propósito inicial promover estudos acerca do suicídio na perspectiva fenomenológico-existencial de modo a preparar os estudantes para prestarem atendimento clínico a pessoas que pensavam em tirar a própria vida e que procuravam o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Os estudos se desdobraram nos seguintes temas: considerações preliminares sobre a compreensão e finitude humana; suicídio: uma revisão sistemática da literatura; uma análise crítica dos estudos fenomenológicos sobre suicídio; um estudo sobre a moralização do suicídio; psicologia, suicídio e culpabilização; dor, sofrimento e pôr fim à vida: uma análise crítica; prevenção do suicídio, técnica e psicologia fenomenológico-existencial; estudos atuais sobre o suicídio infanto-juvenil; Camus e Kierkegaard: do absurdo ao desespero; a (in)decisão de pôr fim à vida: uma análise fenomenológica dos discursos clínicos; a *poiésis* do suicídio ou sobre a vida da morte possível; o sol poente: suicídio, memória e saudade na obra de Carlos Casares. Estas pesquisas foram transformadas em capítulos e publicadas em livro organizado pela professora Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (2018), coordenadora da pesquisa, intitulado *Suicídio Entre o morrer e o viver: Desmoralizando o suicídio na contemporaneidade*.

Esta primeira etapa da pesquisa mostrou que era não apenas possível, mas necessário a criação de um centro de atendimento a pessoas que pensavam em se matar; assim como a necessidade de preparo dos profissionais que atendiam a tal demanda. Finalizamos esta etapa da pesquisa com a criação do NAC (Núcleo de Atendimento Clínico a Pessoas em Risco de Suicídio) com profissionais e estudantes habilitados ao exercício clínico com pessoas que pensavam em suicídio. Com essas ações, atendemos à demanda da Organização Mundial da Saúde (OMS), citada por Feijoo (2016) – para que fossem criados mais núcleos de atendimento a pessoas que têm ideias suicidas; assim como à demanda da Organização Mundial de Saúde (OMS) de que se criasse núcleos de atendimento a pessoas que apresentam ideias suicidas e à solicitação do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo para que houvesse um melhor preparo de profissionais de psicologia para este tipo de atendimento (SANTOS, 2011).

A preparação dos estudantes e dos profissionais voluntários se efetivava por meio de estudos sobre o tema e dos próprios atendimentos clínicos, que eram apresentados no espaço de supervisão, momento em procedíamos à análise existencial das situações clínicas em curso naquele momento. Xavier (2018) registrou os sentidos que apareceram na fala destes analisandos: auto-identidade; autodesvalorização; relações de densidade existencial; pedido de ajuda; ambiguidade; sentimento de não aceitação social; dificuldade de lida com adversidades; evitação do sofrimento; inutilidade; insatisfação com terapias anteriores; estranhamento em relação aos sentimentos. O tema do desespero também se fazia presente nos atendimentos clínicos, embora aparecessem com roupagens as mais diversas, o que nos motivou a investigar o sentido que estava presente no discurso dos analisandos e que nos soava como vozes do desespero: ora como queixa, como ressentimento, como desejo de mudança ou como desesperança acontecendo, inclusive, de a palavra desespero não ser mencionada nas sessões.

Já no projeto de pesquisa, Feijoo (2016) se referia ao desespero como disposição característica do homem moderno, ou seja, como disposição marcada pelo nosso horizonte de constituição de sentidos. Mas, algumas questões ainda mereciam ser elucidadas, tais como: o desespero é uma condição necessária na vida daquelas pessoas que pensam em tirar a própria vida? O que estava em questão quando expressões de desespero apareciam na fala dos analisandos? Havia correlação entre essas expressões e o nosso horizonte histórico de constituição de sentidos e, por isso, estavam presentes na fala destes analisandos? Para responder a estas questões é que nos propomos a esta investigação, onde pretendemos nos debruçar sobre a fala de alguns analisandos que foram atendidos no NAC durante o segundo semestre de 2017 com vistas a realizar uma análise existencial das situações que apareciam com relação ao tema desespero. Assim, nosso método de investigação será a análise existencial.

Organizamos nosso trabalho da seguinte forma: como primeiro passo buscamos uma melhor compreensão sobre o desespero, o que fizemos nos dirigindo ao pensamento de Sören Kierkegaard (2010b) que, sob o pseudônimo Anticlimacus escreveu um tratado sobre o desespero. Com ajuda de suas considerações, realizamos a suspensão sobre o que habitualmente se entende por desespero e alcançamos maior liberdade na compreensão dos discursos dos analisandos. Em seguida, elucidamos a metodologia adotada por nossa investigação. Com estes elementos, seguimos com a análise existencial de algumas situações clínicas que aconteceram no SPA da UERJ no segundo semestre de 2017, buscando captar o modo de lida de cada analisando com sua situação de desespero.

1- DESESPERO À LUZ DO PENSAMENTO DE KIERKEGAARD

O desespero é compreendido, habitualmente, como um sentimento negativo, ameaçador, que deve ser extirpado, mostrando-se nos discursos por meio do ressentimento ou da lamentação em relação às condições dadas na existência. Estas mesmas condições servem como justificativas para uma certa inação ou paralisia existencial. A crença mais comum é que a alteração das circunstâncias externas faria desaparecer o desespero. Essa disposição costuma aparecer, também, como condição necessária em relação às tentativas de suicídio. Ou seja, pressupondo que um homem desesperado tem grandes chances de querer tirar a própria vida.

De acordo com Kierkegaard (2010b), desespero é a própria condição existencial pois o homem não pode colocar a si mesmo, não pode determinar as condições de sua existência, e precisa constituir a si mesmo *nestas* condições. Para Anticlimacus (Kierkegaard, 2010b), o eu é desespero porque existe nesta duplicidade, ou seja, em tensão com as condições dadas. Kierkegaard vai mostrar que o homem se constitui numa tensão paradoxal entre contingência (finitude) e imaginação (infinitude); entre as condições dadas que o limitam (os necessários, nos quais não é livre) e a possibilidade de transcender estes limites (liberdade); entre a consciência de si mesmo como temporal e a experiência de elasticidade e de lastro existencial que lhe acena como eterno. E é nessa duplicidade que ele tem de ser, ou seja, tem de existir. Assim, estar desesperado ou desesperançado é já uma modulação dessa condição mais originária.

Anticlimacus (Kierkegaard, 2010b) desenvolve que desespero tem a ver com consciência, ou seja, com saber de si. Ou seja, o homem constitui-se como desespero porque já sabe de sua condição de lançado na existência e dos riscos desta sua situação. Anticlimacus discorre sobre isto ao desenvolver sobre três formas mais amplas de desespero: a ignorância de que de que se é um si mesmo, ou seja, que somos autores de nossa existência; o querer ser si mesmo, no qual o homem sabe que é autor de sua existência, mas quer impor as condições; e o não querer ser si mesmo, no qual o homem recusa as condições que lhe são dadas. Essas formas aparecem na ação do homem, que teme, antecipa, ressent-se, torna-se melancólico, culpa o outro, culpa a si mesmo por não ter feito o que deveria, frustra-se por ter que encarar a realidade de suas condições, fecha-se em si mesmo, pensa em tirar a própria vida, etc... O problema que surge na compreensão hodierna do desespero é que o homem *quer* impor a medida de sua existência, *quer* estabelecer as condições. Anticlimacus põe em questão, no entanto, que o

homem *pode* encontrar a sua própria medida, saltando para uma existência livre de ilusões; assim como *pode* se perder na medida imposta pelo mundo (PROTASIO, 2015).

Segundo Ferro (2015) e Protasio (2018), Kierkegaard acena que o homem gosta de ilusões e tem preferência por ser enganado. Isso significa que ele tende a articular-se de forma a esquecer-se de sua condição paradoxal e mergulhar na ilusão de que é possível encontrar um caminho unívoco e uma saída rápida para a tensão pois, o homem gosta de acreditar que sua vontade é soberana e que pode, por seu próprio querer, transformar suas condições. Ora, claro que há muito que o homem pode fazer, e faz. Isso não significa que ele consegue tudo o que quer ou que as condições retornam na medida de seu desejo. Segundo Feijoo (2017), essa é a doença do homem moderno, que quer, a qualquer preço, impor as condições de sua existência e acredita que querer é poder.

Mas, para Kierkegaard (2010b), o homem pode transparecer para si mesmo em suas próprias condições. No entanto, num horizonte em que querer é poder, estar desesperado é o contrário de transparecer para si mesmo em sua condição de desespero, ou seja, de se constituir a partir desta duplicidade que sustenta tanto a finitude, a temporalidade e o necessário quanto o infinito, o eterno e a liberdade. Estar desesperado é ser presa da ilusão de poder o que não pode ou de não poder o que pode. É não aceitar a existência em suas imposições e possibilidades. Significa que as ações estão desafinadas em relação às condições dadas, ou seja, em relação ao horizonte que as sustenta (PROTASIO, 2018). A questão, então, está nos modos como o homem se articula com a sua condição de desespero, ou seja, no modo como ele se articula com as condições (contingentes) de sua existência e em tensão com a possibilidade (o transcendente). Desta forma, tomar o desespero como aquilo que leva um homem a pensar em suicídio, ou mesmo que o desespero sempre deve estar presente quando esta possibilidade se abre, não seria um encurtamento da compreensão do desespero? Para responder a essa questão é que construímos esta nossa investigação.

2- MÉTODO

A pergunta-guia desta nossa pesquisa diz respeito ao modo como aparece, no discurso dos analisandos, a lida com desespero. Para responder, realizaremos uma análise existencial de

alguns discursos clínicos. Os discursos foram retirados dos registros, efetuados durante as supervisões de atendimentos clínicos realizados no NAC do SPA da UERJ no segundo semestre de 2017. A supervisão é um momento central da pesquisa, pois cumpre uma dupla função: orienta os alunos quanto aos atendimentos, o que já se constitui num exercício fenomenológico-hermenêutico, uma vez que promove o exercício de suspensão das compreensões prévias em relação aos temas que aparecem nos atendimentos e que são voz de um tempo. Além disso, mantém registro dos discursos para fins de pesquisa.

O exercício fenomenológico-hermenêutico realiza dois movimentos. A redução fenomenológica ou psicológica, que suspende, de forma contínua, os posicionamentos ontológico-naturais; e a apropriação hermenêutica dos sentidos vigentes em um tempo, de modo a não sermos absorvidos irrefletidamente por interpretações prévias. Dedicamos dois semestres de nossa pesquisa à construção da suspensão, nos quais investigamos o modo como habitualmente se entende o suicídio e nos perguntamos por outros modos de interpretação do mesmo, recorrendo a textos de filosofia, à literatura e a artigos científicos (Feijoo, 2018). Esta investigação nos mostrou outros sentidos, assim como acenou para disposições que se mostraram relevantes e mereciam melhores elucidações, como é o caso do desespero.

Para procedermos aos nossos estudos e investigarmos os sentidos do desespero nos discursos de alguns analisandos que procuraram o NAC durante o segundo semestre de 2017, estabelecemos a nossa rotina de trabalho por meio de uma análise existencial do relato das experiências daquele que está considerando tirar a própria vida e que vem em busca de atendimento clínico.

Como dissemos acima, a suspensão dos posicionamentos prévios foi realizada na primeira parte da pesquisa. Agora, imbuídos da compreensão hermenêutica de que os sentidos das experiências sempre se desdobram a partir das determinações de um tempo, vamos nos dirigir à tarefa de acompanhar, nos relatos registrados dos atendimentos, o modo como cada analisando se articula com a vida e, nesse seu modo de articular, o modo como aparece a lida com o desespero. Uma vez que não partimos de compreensões prévias, o que fazemos é exercitar um ouvir que se afina à atmosfera da situação em questão, de forma a alcançar os seus sentidos. A isso denominamos análise existencial. Em uma análise existencial tomamos o homem como abertura dinâmica (FEIJOO; PROTASIO, 2011) e considerado em seu caráter de indeterminação. A análise existencial que temos em causa diz respeito aos modos de se articular com a existência em um determinado tempo, ou seja, sentidos existenciais que são imprimidos na lida cotidiana em uma época, a nossa.

A pesquisa que empreendemos se constitui mais como um caminho de pensamento do que propriamente uma metodologia em seu sentido tradicional (MAGLIANO, 2018). Trata-se de um demorar-se junto ao fenômeno, sem expectativas de encontrar uma verdade objetiva ou efetiva e, por isso, colocando em questão “nosso próprio pensamento e modo de compreensão” (p. 33). Organizamos nossa análise da seguinte forma: apresentaremos o resumo do conteúdo presente no discurso de cada um dos analisandos que foram objeto de nossa investigação. Após cada descrição ou resumo, traremos os sentidos que retiramos em relação ao desespero. A título de conclusão da pesquisa, buscaremos resumir as impressões que ficaram das análises realizadas.

3- ANÁLISE EXISTENCIAL DAS SITUAÇÕES CLÍNICAS

3.1. Situação 1: *Prefiro morrer*

Sexo Feminino, 27 anos.

A analisanda relata que viveu uma crise e resolveu parar tudo, estudos, trabalho. Tentou se matar. O dinheiro acabou e voltou a viver na casa dos pais. Apresenta queixas constantes por não poder fazer as coisas do jeito que gosta. Rejeita os limites impostos pela mãe, pelos horários da faculdade e os horários da terapia: faz barganhas, mente, tenta manipular para não se submeter. Quando o limite não pode ser transposto revolta-se e quer morrer. Numa situação de assalto reage impulsivamente e foge. A vulnerabilidade se faz presente a partir desta situação, o que ela não consegue suportar. Agora só faz dormir, dormir, dormir. Não vê sentido em nada. O ânimo só aparece quando fala dos animaizinhos que pegou pra criar e vender. Tem um namorado e se distrai com a filha dele. Quando está na casa dele e a filha não está, também só dorme.

O que percebemos é que, diante da impossibilidade de impor sua medida, a desesperança ganha espaço em sua existência. A analisanda oscila: por vezes quer morrer, em outras tranca-se em si mesma. A vontade se apequena e ela não crê em si mesma, não vê nenhuma possibilidade para si. Identificamos a disposição a que Anticlimacus (Kierkegaard, 2010 b, p. 82 e seg.) se refere como desespero da sua fraqueza. Ela ignora que deve tornar-se si mesma e, nesse ignorar, só conhece o instante, o agora, o qual se arrasta como uma sequência de nada. Quer morrer, embora não saiba porque morre, pois, viver e morrer estão esvaziados de sentido, e a vida da analisanda oscila entre ser espontânea, distraíndo-se com alguns empreendimentos,

revoltar-se ou fechar-se hermeticamente em si mesma. Em termos da vontade, podemos dizer, com Anticlimacus, que a analisanda não quer ser si mesma.

3.2. Situação 2: *Tenho medo e vergonha*

Sexo Feminino, 21 anos.

A analisanda descreve situações de medo e de vergonha por sentir tanto medo. Descreve o medo das críticas dos amigos e da família; medo de decepcionar as pessoas, especialmente a madrinha; medo de não ser amada como filha, de não saber decidir-se sobre o que quer fazer ou sobre onde viver, se com o pai ou com a madrinha, situações que lhe são requisitadas e para as quais adia a resposta por temor do fracasso. O pensamento de morte lhe vem e ela tem vergonha de falar sobre isso com as pessoas. Acredita que morrendo acabará esse peso que carrega, essa culpa e esse medo.

A indecisão se torna a tônica na vida desta analisanda, que ignora a si mesma como desespero, ou seja, como tendo de ser essa que só ela pode ser. Oscila entre as categorias do agradável e do desagradável e desconhece sua “finalidade espiritual” (Kierkegaard, 2010b, p. 61) na medida em que se recusa a arriscar-se e a entregar-se às possibilidades que se abrem para ela. Ao desconhecer sua situação de já estar dando uma direção para sua existência, a direção da evitação, a analisanda ilude-se pensando que não está em risco. Ela não percebe que está, justamente, no maior dos riscos, o de perder a si mesma tornando-se um nada, um zero.

3.3. Situação 3: *Não quero mais ouvir calada*

Sexo feminino, 36 anos.

A analisanda relata conflitos com a mãe, que descreve como uma pessoa que só a procura para trazer problemas. Por conta disso, resolveu não mais ouvir as coisas e ficar calada: está fazendo assim com a mãe e também no trabalho. Descreve que sentia como se estivesse carregando um saco de 5 quilos nas costas. Chegou a pensar que não tinha mais porque viver, pois, só servia para ouvir ou dar problemas. Decidiu mudar, colocar um fim nisto, refletindo que Deus deu a vida para cada um carregar a sua e devia seguir seu caminho. Mas, ressentia-se da falta de apoio da mãe quando ela era jovem e narra que resolveu sair de casa e ir morar com a madrinha.

Vemos, nessa situação, que a analisanda assume o risco de errar, de se perder, porque sabe que pode se encontrar. Ela quer ficar bem consigo mesma. Nessa luta, ela experimenta

saídas, outros modos de agir. Kierkegaard (2010b) poderia dizer que ela assume o desespero desafio. Ela não se submete, e, na luta por tornar-se o que pode ser, acredita em sua superioridade infinita (p. 95) sobre as outras pessoas. No entanto, seu agir carece de constância. Ela oscila entre a força por não se deixar abater, por experimentar outros caminhos, e o desejo de morte. O desejo de morrer parece ser o desejo de se livrar de sua luta.

3.4. Situação 4: *Me diga o que fazer*

Sexo masculino, cerca de 30 anos.

Este analisando relata que brigou no trabalho. Conta que foi crítico com o patrão e ficou dando palpite de como ele deveria organizar o negócio. Diz que devia ter mais paciência, que sabe ter sido explosivo, mas ficou com muita raiva. Quer que a terapeuta diga a ele como deve agir. Relata que toma medicamento para se controlar e quando não toma fica agitado, e que ser agitado é bom para o trabalho, mas também é muito estressante. Só que não sabe ser de outro modo. Solicita que a terapeuta lhe diga como agir.

Aqui, do mesmo modo que na situação 3, descrita acima, identificamos um modo desafiador de ser. O rapaz entende a situação em que está. Critica o outro porque quer que tudo funcione ao modo como concebe. Embora saiba que se comporta de modo impulsivo, identifica as vantagens de agir deste modo no trabalho, pois torna-se mais ágil. No entanto, também fica agressivo, quer impor as condições a qualquer preço. Seu agir oscila entre controlar-se e perder o controle. Quer uma saída rápida e cobra conselhos da terapeuta. Como se lhe fosse possível seguir conselhos. Na tensão com o tempo, ele ignora o caráter de duração de sua existência. Conhece apenas o momento presente, ao qual se entrega irrefletidamente, num posicionamento a que Kierkegaard (2010b) se refere como desespero do temporal por carência de eterno. No temporal, o imediato, ele só conhece suas disposições e o modo como, subitamente, impulsivamente, corresponde de um jeito ou de outro aos apelos do mundo, querendo impor sua vontade sobre as circunstâncias.

3.5. Situação 5 *Só tenho do que me arrepender*

Sexo feminino, 25 anos.

A analisanda relata que o pai não a registrou, mas ficou próximo dela por um tempo. Depois distanciou-se. Isso fez com que ela pensasse em suicidar-se. Ele a colocou numa escola

particular, mas era diferente da que ela estava acostumava, sofria *bullying*. Colocou o pai na justiça para receber pensão, mas ele paga às vezes, outra não. Relata que às vezes surta e que precisa de acolhimento. Conta que tentou impedir uma briga da mãe com o pai (são separados) e teve uma crise depressiva, e que normalmente toma muitos remédios. Relata que se corta na crise depressiva, e que prefere dormir ou fugir porque a mãe sempre aumenta as coisas. Não tem mais ânimo para fazer nada. No seu trabalho também todos estão tristes e desanimados, pois estão sem receber salário e ficam procurando por ela pra conversar, mas ela não está mais aguentando a situação, prefere largar o emprego. Conta que consultou um neurologista que lhe indicou dois caminhos: esquecer o passado ou suicidar-se. Também se lamenta porque não tem mais o corpo que tinha aos 18 anos. E arrepende-se por ter abandonado a faculdade. Diz que só tem do que se arrepender em sua vida, por isso pensa que não vale a pena viver. E esse pensamento a domina quando está em crise. Fala que há muito que ela podia e queria e, no entanto, não faz. Fala da complicação de procurar emprego e que não gosta de tomar decisões, principalmente se são importantes.

As queixas desta analisanda se dirigem às condições que lhe foram impostas pela vida e ao modo como as coisas se deram. Sente-se desanimada, arrepende-se de caminhos percorridos ou não percorridos, referindo-se a dificuldades em tomar decisões. O tempo verbal adotado no discurso evidencia o espaço da imaginação e o querer mostra seu limite ao não se efetivar em ação. É claro que a situação concreta está difícil: a crise no trabalho e não estar recebendo salário foge, completamente, do seu campo de possibilidades. A tristeza é tônica no ambiente compartilhado com os colegas. Nessa crise a vida lhe é devolvida, e ela se arrepende dos caminhos não trilhados, do corpo que não tem mais. Segundo Haufniensis (Kierkegaard, 2010 a), este é o campo propício para a aprendizagem da possibilidade. Neste espaço ela pode aprender acerca do que quer para si mesma, arriscar novos possíveis. *Se* não tivesse tanto medo de arrepender-se.

4- CONCLUSÃO

O desespero, conforme é compreendido cotidianamente, fala de um sofrimento que acode ao homem e que poderia, sob certas circunstâncias, ser extirpado ou, conforme diz Fogel (2010), refere-se a uma dor da dor. Esta interpretação tem seus alicerces na ilusão de que há vida sem dor e sem tarefa. Tentamos mostrar que o desespero, tal qual compreendido por Kierkegaard, fala da situação do homem, do ter de tornar-se o único que somente ele pode ser.

Não há como sermos substituídos na tarefa de vivermos a vida que é nossa. Fazer isso é desesperar-se. Mas, como pudemos ver nos discursos descritos acima, tendemos a terceirizar essa tarefa, assim como imputar culpa a terceiros pela nossa dificuldade na tarefa. Assim como tendemos a acreditar que podemos impor as condições de nossa existência.

As análises realizadas evidenciaram modos diferentes de articulação com a existência, ou seja, modos diferentes de sermos na tensão entre as condições da existência. Em cada caso o que está em questão é a forma como, dentre as condições dadas, aparece a possibilidade de articulação. E, mais, como, em cada articulação, a impaciência aparece no modo como se tenta impor a vontade sobre as circunstâncias ou se vive no ressentimento porque as circunstâncias não atendem às expectativas. Na impaciência o tempo do acontecimento, com suas caracterizações próprias, é apressado, como se fosse possível impor à vida o como e o quando ela deve ser como se quer. E o que se perde é o caráter singular da vida, ou seja, o tempo é o tempo de cada um na articulação com suas coisas. Vida não é uma abstração, mas a minha vida

Vimos que o desespero tende a ser visto como condição para o suicídio. Tentamos mostrar que a existência se constitui sempre em tensão e, por isso, o que as análises que fizemos mostrou foram formas desesperadas de tentar escapar desta situação: ora buscando refúgio em soluções imaginárias; ora fixando-se no presente e ignorando a continuidade com suas consequências; ora responsabilizando familiares ou amigos por sua situação. Estar desesperado é, justamente, ignorar sua própria situação de desespero, de ter que conquistar a si mesmo em cada situação, pois não há como terceirizar a existência que é a nossa, essa que sempre nos pertence e em relação a qual somos sempre agentes, ainda que passivos. Concluímos que estar desesperado não se dá apenas entre aquelas pessoas que cogitam tirar a própria vida, mas um modo de se articular com a existência, uma forma de corresponder às circunstâncias da existência.

Consideramos que a importância deste tipo de investigação é apontar para um modo de lidar com a situação clínica que se demora pacientemente em cada situação, de forma a compreender o modo como cada analisando se articula com sua situação de desespero. Esta atenção demorada pode apontar, tanto para analista quanto para analisando, caminhos a serem traçados no diálogo participativo que constitui a clínica, caminhos que sustentem o que realmente está em questão quando cada um age como age. Esse espaço pode, também, sustentar a possibilidade de que outros modos de articulação e de ação apareçam, e onde o homem *pode* conquistar a possibilidade que seja sua. Lembramos que, na clínica, não se trata nunca de um problema que requer solução, mas de modo de articulação existencial que acontece em primeira pessoa, ou seja, diz sempre respeito à *minha vida*. Importante ressaltar que o pronome

possessivo não se refere a uma articulação particular, mas ao modo como vida não acontece de forma abstrata, mas sempre como articulações singulares. Assim, o objetivo da relação terapêutica não é um conhecimento sobre a pessoa ou sobre a situação em questão, mas uma realização, uma arte, que cria e recria possibilidades onde parece só haver restrições e necessidade.

REFERÊNCIAS

- FEIJOO, Ana Maria L. C. D. **Por Um Núcleo de Atendimento Clínico a Pessoas em Risco de Suicídio**, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://www.ifen.com.br/site/producoes-academicas/projetos/197-projeto-de-pesquisa-bolsa-produtividade-cnpq>>. Acesso em: 05 Setembro 2017.
- FEIJOO, Ana Maria. L. C. D. Dor, Sofrimento E Desespero: Do Homem Grego Ao Homem Moderno. In: FEIJOO, A. M. L. C. D. (Org.) **Interpretações Fenomenológico-Existenciais Para O Sofrimento Psíquico Na Atualidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2017. p. 7-30.
- FEIJOO, Ana Maria. L. C. D. (Org.) **Suicídio entre o morrer e o viver**: desmoralizando o suicídio na contemporaneidade. Rio de Janeiro: IFEN, 2018.
- FEIJOO, Ana Maria. L. C. D.; PROTASIO, Myriam M. Análise existencial: uma psicologia de inspiração kierkegaardiana. **Arquivos brasileiros de psicologia**, Rio de Janeiro, 63, n. 3, 2011. 72-88. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000400007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 Janeiro 2018.
- FERRO, Nuno. Naturalmente hipócrita: Linguagem e desonestidade no pensamento de Kierkegaard. In: VALLS, A. L. M.; FERREIRA, G. **Compêndio Kierkegaard**. São Paulo: LiberArs, v. 1, 2015. p. 61- 89.
- FOGEL, Gilvan. **O Homem Doente do Homem e a Transfiguração da Dor**: Uma Leitura de Da visão e do enigma em Assim falava Zaratustra, de Frederico Nietzsche. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- KIERKEGAARD, Sören. A. **O conceito de angústia**. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis - São Paulo: Vozes - Editora Universitária São Francisco, 2010a.
- KIERKEGAARD, Sören. A. **O desespero humano**. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Editora Unesp, 2010b.
- MAGLIANO, Fernando D. R. Considerações preliminares sobre a compreensão e finitude humana. In: FEIJOO, A. M. L. C. D. (Org.) **Suicídio entre o morrer e o viver**: desmoralizando o suicídio na contemporaneidade. 1. ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2018. Cap. 2, p. 17-37.
- PROTASIO, Myriam M. *O si mesmo e as personificações da existência finita: Comunicação indireta rumo a uma ciência existencial*. Rio de Janeiro: IFEN, 2015.

- PROTASIO, Myriam M. Camus e Kierkegaard: do absurdo ao desespero. In: FEIJOO, A. M. L. C. D. (Org.) **Suicídio entre o morrer e o viver: desmoralizando o suicídio na contemporaneidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2018. p. 231-265.
- SANTOS, D. V. D. D. Suicídio: De quem é o problema? **Conselho Regional de Psicologia SP**, setembro-outubro 2011. Disponível em: <http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/jornal_crp/170/frames/fr_conversando.aspx>. Acesso em: 27 janeiro 2018.
- XAVIER, Isabela F. L. A (In)decisão de pôr fim à vida: uma análise fenomenológica dos discursos clínicos. In: FEIJOO, A. M. L. C. D. (Org.) **Suicídio entre o morrer e o viver: desmoralizando o suicídio na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: IFEN, 2018. P. 267-291.